

5

Considerações finais

Consciente de seu papel como consumidora e produtora de cultura, Lygia Pape estava atenta a todas as manifestações à sua volta e a partir da síntese de diversos elementos construía o próprio universo. Conservava uma abertura absoluta para a experiência, para as atitudes inovadoras. Apesar de todos os riscos, acreditava que somente através da experimentação poderia surgir uma arte nova, uma linguagem audaciosa e desafiadora.

Seu enorme interesse pelos processos do mundo moderno fez com que atuasse em vários campos desde os anos 1950. Lygia Pape defendia a participação do artista na indústria como modo de conferir qualidade à produção industrial e aproximar a arte da vida cotidiana. Contudo, acreditava que a arte poderia inserir-se na coletividade de diversas maneiras. Buscou produzir obras que não se limitavam à pura contemplação, requisitando a participação do espectador. Além disso, ocupou os espaços públicos, ultrapassando os limites do museu.

Nos anos 1960, quando trabalhou para o *Cinema Novo*, observou que da associação entre o design e o cinema surgiam os letreiros - uma “nova linguagem da comunicação de massa” (Pape in anexo 1). Com toda a limitação técnica da indústria cinematográfica brasileira, enfrentou o desafio de realizar pesquisas neste campo.

O equilíbrio de contrastes foi uma questão recorrente na obra de Lygia Pape, marcando suas produções na comunicação visual, no cinema e nas artes plásticas. Desde os *Tecelares*, a articulação do positivo-negativo criava relações de ritmo. Nos projetos para o *Cinema Novo*, também explorou oposições. Muitas vezes sobrepôs caracteres, rigorosamente diagramados, ao campo projetivo do cinema. Conjugou *grids* e cordel. Fez estudos tipográficos inspirados na *Pop Art* sobre rígidas estruturas. Recortou fotogramas e aplicou fontes padrão buscando desenvolver uma estética industrial. Filmou xilogravuras e desenhou a própria tipografia quando julgou que estas seriam as melhores alternativas para resolver seus problemas formais. Utilizou *tipos* de pesos e tamanhos diferentes na mesma palavra. Quebrou o vocábulo ao meio, valorizando o som.

Alimentou-se do *concretismo*, do *futurismo*, do *dadaísmo*, da *Pop Art* e da *arte popular brasileira* com um “impulso investigativo que não se apagou, não esmoreceu” (Duarte, 2004, p.126). Seus projetos gráficos revelaram muitos diálogos e tensões.

Para desenvolver a *Vinheta da Cinemateca do MAM*, a artista pesquisou o cinema de montagem. Justapôs imagens e sons contrastantes, retirando o espectador do conforto da narrativa linear. Se os filmes tradicionais ofereciam histórias prontas, o cinema composto de fragmentos buscava criar um campo para a construção de novos significados individuais. O sujeito, de acordo com sua vivência, atribuía sentido próprio às imagens rearticuladas.

Lygia Pape desconstruiu rígidas teorias para construir novas soluções. Transitou livremente entre a tela do cinema e o papel, estabelecendo pontos de contato. Deste modo, entrelaçou produções, ultrapassando os valores estritamente utilitários.

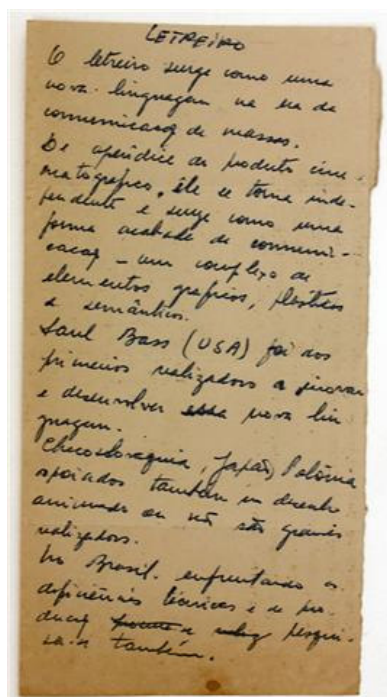


Fig.166 - Lygia Pape: Manuscrito sobre letrados (s.d.); acervo do *Projeto Lygia Pape* (ver Anexo 2)